

Luto: momento de reflexão da vida

Fim da existência física é ponto de questionamento para quem fica e desafio da vida pós-moderna; para especialistas, vida precisa ser valorizada

THIAGO NAVARRO

A morte segue como um dos grandes tabus na sociedade pós-moderna, sobretudo no mundo ocidental. Mas o que leva as pessoas a ter tamanha resistência com o fim da existência física e terrena? A perda de um familiar ou de um grande amigo, por exemplo, marca a vida das pessoas, que em geral passam a exaltar mais aspectos positivos do que negativos do ente falecido – muitas vezes, os aspectos negativos são completamente esquecidos e apenas o lado bom da pessoa que se foi é lembrado.

Para o Prof. Dr. Florêncio Costa Júnior, psicólogo e professor da Universidade Sagrado Coração (USC), a dificuldade em aceitar a morte é um dos motivos principais para que os aspectos positivos sejam ressaltados.

“Essa ideia de valorizar o lado positivo tem uma explicação para a psicologia, e está associada ao sentimento de perda. É uma tentativa de manter uma história que foi embora, de haver uma continuidade. É comum quando se passa por situação de perda por luto patológico, por exemplo, que haja essa valorização, que chega a ser a criação de uma imagem da pessoa falecida”, analisa o docente.

“Muitas vezes, o vínculo foi pouco satisfatório em vida, mas há uma tentativa de resgate da memória. Nem todos agem assim. Para algumas pessoas, a perda de um ente querido pode ser uma experiência

“A valorização de aspectos positivos está relacionada ao sentimento de perda”

Florêncio Costa Júnior
psicólogo

de libertação. Tudo depende muito do vínculo estabelecido em vida”, menciona.

ACEITAÇÃO

Florêncio explica que a cultura ocidental pós-moderna acabou desvalorizando o ato da morte. “A tanatologia é a área em que vários ramos da ciência se debruçam para analisar o fenômeno da morte. E dentro desse campo de estudo, temos que considerar que vivemos em uma cultura ocidental que desvalorizou a morte, criando um referencial negativo relacionado a morte. A morte passou a ser vista como um fracasso. Celebramos a vida, o nascimento, os aniversários, mas deixamos de entender a morte como um processo natural”, pontua o psicólogo.

O não aprofundamento do tema acaba levando a um distanciamento da ideia do fim existencial no plano físico. “O fato de falarmos muito pouco da morte tem consequências, e uma delas é essa desvalorização. E tudo que se aproxima da morte tende a ser negado. Uma das coisas que nos aproxima da morte é a velhice, e por ela sinalizar o momento da vida em que estamos próximos do

final, acaba se desvalorizando a velhice. Em outras culturas, onde o fenômeno da morte é valorizado, a velhice é encarada de maneira bem mais positiva”, ressalta Florêncio.

DISTANCIAMENTO

Até a metade do Século XX, boa parte das pessoas morria em casa. A partir da urbanização dos países ocidentais, o acesso a serviços de saúde tornou-se mais comum, e se isso impactou positivamente no tratamento e prevenção de doenças, acabou por ‘esfriar’ o processo da morte.

“Antes as pessoas morriam em casa, e hoje os serviços de saúde acabam mediando o processo da morte”, reforça o psicólogo. “Cada um pode explicar a morte de uma maneira, como as religiões, e eufemismos podem ser usados, mas a morte é um fenômeno natural e que as pessoas tendem a evitar”, resume Florêncio.

O professor de Filosofia Fausi dos Santos comenta que a morte em ambientes como os hospitais passou a dar outro sentido a experiência do fim terreno. “Onde se morre hoje? Em geral, nos hospitais. Tornou-se algo distante. E quando a gente fala na morte, fala do outro, nunca em primeira pessoa. Se discute a morte se desfazendo da morte”, avalia.

“Ou então ela é vista como espetáculo, na mídia. Mas é sempre a morte do outro, e fora de uma dimensão humana e existencial. E a ideia de ‘santificar’ o morto é uma tentativa de desvincular



João Rosan

Vínculo em vida explica os sentimentos pós-morte para entes que ficam, afirma o psicólogo Florêncio Costa Júnior: é preciso entender a morte como um processo natural

daquela pessoa a existência dela, e inseri-la em um outro plano, imaculado, onde ela estará livre de qualquer imperfeição. É uma tentativa de salvar a memória de alguém que faleceu. E isso tudo é reflexo da forma como a sociedade encara a morte, empurrando-a para debaixo do tapete”, reitera o professor de Filosofia.

Para Fausi, a desvalorização da vida é nítida nos dias atuais. “As pessoas recorrem cada vez mais a ansiolíticos, álcool, tabaco e drogas. Afasta-se da vida

e vive-se uma realidade paralela. Se a vida parece sem sentido, a morte também não terá sentido”, reflete.

REPENSAR A VIDA

O espaço da morte do indivíduo refletia diretamente na aceitação do fim, pondera Fausi. “Antes, a pessoa morria em casa, e havia toda uma preparação para o final da vida. O entorno da pessoa se mobilizava para o momento. E viver o luto é importante, pois é quando se reavalia a vida, os valores e as atitudes. É quando nos questio-

namos o sentido que damos à vida, o que fizemos até hoje e o que vamos deixar, não materialmente falando, mas no plano existencial. Estamos dando significado à vida?”, questiona.

“A busca do elixir da existência eterna vem desde os primórdios do homem, e hoje com o avanço da Medicina se vive cada vez mais. Porém, há um limite. Pode-se chegar a 100, 120 anos, mas um dia a existência física se esvai. O principal já não é quanto vamos viver, mas a qualidade dessa vida”, resume.

‘Capitalismo dificulta a aceitação da morte’

Fausi dos Santos relata que o capitalismo dificulta a aceitação da morte. “Você não existe enquanto pessoa para o sistema, mas sim como um número, um CPF, alguém que consome. Você é um produto. E esse produto faz circular uma quantidade imensa de capital para manter a aparência, a estética. Mas não se pode ignorar o fim, e a nossa sociedade está doente, basta ver o aumento de suicídios no mundo. As pessoas veem uma vida sem sentido, ao mesmo tempo em que os recursos materiais aumentam, o grau de felicidade está diminuindo, sendo que teoricamente seria o contrário. É o paradoxo do pós-modernismo”, declara Fausi. “Tenta-se suprimir os dilemas existenciais pelo consumo. E a finitude é deixada de lado também”, completa.

Já o psicólogo Florêncio Costa Júnior vê os processos produtivos como inerentes à vida social. “A cultura que tem um nível de produtividade, tende a relacionar uma pessoa ao quanto ela produz na sociedade. A nossa cultura tem dois extremos, que é o não-lugar da infância e adolescência e o outro é a velhice. São os dois extremos onde não há produção de bens ma-

“A sociedade atual empurra a ideia de morte para baixo do tapete”

Fausi dos Santos,
professor de Filosofia

teriais, mas há produção de sentido, de bens culturais, mas isso é pouco valorizado na sociedade”, relata.

A valorização excessiva da juventude e da felicidade material é outro empecilho para encarar a morte. “Nós não temos espaços para discutir a morte. Somos mergulhados em um universo de jovens, corpos sarados, apresentando vida em abundância. O corpo ideal e a alegria tomam conta, ignorando qualquer discussão mais profunda sobre a finitude”, comenta o professor de Filosofia Fausi dos Santos.

“Discutir a morte é discutir a vida. O que estou fazendo na vida? Em sociedades tribais isso está muito mais presente, com rituais marcados, como o batismo. É a morte de uma etapa anterior e o nascimento de uma nova etapa. E a morte como fenômeno físico é enca-



Aceituno Jr.

“A morte de alguém querido é um momento para se avaliar a sua própria vida”, explica Fausi dos Santos

rada de maneira mais natural”, argumenta. “A nossa sociedade é dessacralizada. Ainda há rituais, mas em escala bem menor”, completa. Sobre a religião, Fausi dos Santos avalia que a forma como a pessoa vê Deus é decisiva na hora

do fim. “Pessoas que têm a imagem de um Deus punitivo costumam sofrer mais, temem o que pode vir. Já aqueles que levam uma imagem de um Deus que caminha junto, tendem a ter um fim mais tranquilo”, conclui.

SERVIÇO DE LUTO SÃO VICENTE
Escritório Central - Praça D. Pedro II, 4-38 - Fone (014) 3234-8182

Roza Maria Gonçalves Medina

Ocorrido dia 1/11, aos 88 anos. Deixa os filhos Maria Rosa, Terezinha, Maria Isabel, Richard e José Medina (in memorian). O sepultamento será hoje (2/11), saindo seu féretro do velório Terra Branca, sala II, para o Cemitério Jd. do Ypê, em Bauru.

2º CONGRACAMENTO DAS CONFRARIAS DE BAURU
Promoção conjunta da Enoconfraria NouveauVintage e Comprando

MENU - Folhas verdes com lascas de manga e raspa de parmesão - Risoto de 4 queijos - Filé mignon ao molho de funghi - Massa Tagliatelle ao molho de gorgonzola	VINHOS Vn. Terrunyo - Carmenere Chileno Vn. Fetzer Crimson Californiano Vn. Casillero del Diablo Collection - Chileno Vn. Marques de Casa Concha - Cab Sauv Chileno.	PALESTRA Apresentação dos rótulos: Alfredo Habib Kesam Jr. Presidente da ABS Subseção Bauru
---	---	---

VAGAS LIMITADAS **CONVITE unidade R\$ 60,00**

DIA: 05/11
HORA: 20h
LOCAL: COMPRANDO
Pç. Portugal, 2-22 Bauru

Parceria: